A docência no PROEJA: um estudo de caso sobre o conceito do "bom professor" no IFTO - Campus Araguatins

Sara José Soares[1], Jair José Maldaner[2]

[1] Especialista em Docência do Ensino Superior e em PROEJA, Pedagoga, Técnica em Assuntos Educacionais da Pró-reitoria de Ensino do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Tocantins – Reitoria, e-mail: sarapercy@ifto.edu.br.
[2] Mestre em Educação, Filósofo, Professor de Ensino Básico, Técnico e Tecnológico do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Tocantins – Campus Palmas, e-mail: jair@ifto.edu.br.

Resumo: Este texto é fruto de uma pesquisa qualitativa realizada com os alunos e professores das 2ª e 3ª séries do Curso Técnico em Informática do PROEJA (Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos) do IFTO (Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Tocantins) – Campus Araguatins, com o intuito de refletir sobre o porquê de alguns professores do PROEJA serem considerados bons professores. A pesquisa foi feita por meio de estudos teóricos e práticos, com aplicação de questionários abertos respondidos por alunos e professores sobre os temas: Didática, Interação e Compromisso. Os estudos teóricos apontaram que o bom professor do PROEJA necessita de uma série de saberes, competências e habilidades docentes, como: planejamento, ter boa interação com seus alunos, ter conhecimento aprofundado dos conteúdos, ter metodologias diversificadas de ensino, compromisso com o ato educativo e com a formação dos alunos, dentre outros. O professor tem papel fundamental para contribuir com a aprendizagem significativa dos alunos, porquanto a construção do conhecimento é permeada de prazer, compromisso, dor, entrega, que levam esse processo a ser muito complexo, sobretudo, para os alunos. A pesquisa de campo apontou um perfil profissional docente para os professores do PROEJA indicando que este precisa conhecer seus alunos, ter relação amistosa com eles, respeitá-los e considerar os saberes e experiências construídas ao longo de suas vidas, para, então, compromissados com o desenvolvimento dos alunos, explicar os conteúdos de ensino de forma clara e contextualizada. Além disso, esse trabalho se torna mais fácil, eficaz e prazeroso quando o professor gosta do que faz e se dedica.

Palavras–chave: BOM PROFESSOR, DOCÊNCIA, PROEJA

1. INTRODUÇÃO

Um dos fatores mais inquietantes que, direta ou indiretamente, norteia pesquisas em educação é o fato de que alguns professores conseguem provocar a motivação dos alunos a estudarem e são considerados "bons professores" ou "professores competentes". Uns são extrovertidos, outros sérios, mas ministram os conteúdos de uma forma que parece impossível não aprender. Porém, mesmo sendo considerados bons por muitos alunos, às vezes são antipatizados por outros. Esse fato tem levado muitos estudiosos a ter como foco de suas pesquisas a didática, as concepções pedagógicas, as políticas educacionais, a psicopedagogia, a formação de professores e, até mesmo, o possível "dom" ao magistério.

Este texto é fruto de uma pesquisa que se propôs a seguir essa linha de estudos com um olhar não apenas metodológico e psicológico, mas também, político sobre as competências e habilidades docente, traduzidas na figura dos bons professores da 2ª e 3ª série do curso Técnico em Informática do PROEJA, no IFTO – Campus Araguatins.

O mesmo teve cunho qualitativo, sendo desenvolvido por meio de questionários abertos, tendo como fontes, em primeiro lugar, os alunos, procurando destacar quais de seus professores eram considerados bons. Em seguida, os professores responderam um questionário aberto na busca de elencar os porquês de serem considerados bons professores; e, em último lugar, fez-se análise das dos questionários fundamentando-os.

Objetivou-se, portanto, refletir sobre o porquê de alguns professores do PROEJA serem considerados bons professores por seus alunos, elencando, assim, um perfil profissional docente para

ISBN 978-85-62830-10-5
VII CONNEPI©2012

os professores do PROEJA. Buscou-se, ainda, conhecer e analisar os mecanismos pedagógicos que os professores têm utilizado durante as aulas; elencar um estudo teórico, buscando compreender os elementos básicos da interação professor/aluno/conteúdos de ensino; conhecer a trajetória pela qual esses professores passaram em sua formação e atuação profissional; e fomentar estudos posteriores sobre a figura do bom professor.

A pesquisa permitiu uma reflexão sobre a relação professor, aluno e conteúdos de ensino, demonstrando que ao professor do PROEJA é necessário ter uma relação amistosa com seus alunos, considerando os saberes e experiências construídas ao longo de suas vidas, gostar do que faz e ter compromisso com o desenvolvimento dos alunos, explicando os conteúdos de ensino de forma clara e contextualizada.

2. MATERIAL E MÉTODOS

O estudo, de cunho qualitativo, foi encaminhado por meio de leitura de referenciais teóricos pertinentes aos assuntos: didática, competências e habilidades docentes, interação, PROEJA, dentre outros que auxiliaram na investigação; e questionário por meio de roteiro de perguntas.

A amostra de estudo foi delineada a partir da seguinte proposta: entrevistar alunos do curso Técnico em Informática na modalidade PROEJA (2ª e 3ª séries) do IFTO – Campus Araguatins, buscando identificar os dois professores mais referenciados pelos alunos, para, então, entrevistá-los.

Aos alunos foi entregue uma folha em branco, explicando os objetivos da pesquisa e pedindo para escreverem na folha o nome de um professor que consideravam ser o que mais contribuiu para sua aprendizagem, justificando o porquê da escolha. Após selecionados, os dois professores mais citados responderam um questionário aberto.

Dos 14 alunos matriculados na 3ª série, 08 responderam ao questionário; dos 29 alunos da 2ª série, 16 responderam. 08 professores foram referenciados pelos alunos, sendo que: os dois professores escolhidos foram um professor de matemática, com um total de 09 votos e uma professora de Língua Inglesa, com um total de 05 votos. Os demais professores votados receberam 02 ou 01 voto, cada um.

Para a análise das respostas, no decorrer do texto, os professores serão denominados da seguinte forma: Professor “A” (professor de matemática), Professora “B” (professora de Língua Inglesa) e Professores “C” (demais professores em conjunto).

O Professor “A” é licenciado em Ciências com habilitação em Matemática e Especialista em Matemática. Participou de capacitações em Formações Continuadas ofertadas pela Secretaria Estadual de Educação e Cultura do Tocantins - SEDUC-TO e Secretaria Estadual de Educação e Cultura do Maranhão - SEDUC-MA e pelo Programa Gestão da Aprendizagem – GESTAR II (SEDUC-TO).

Em dez anos de experiência docente, dos quais três foram em EJA, sendo dois em PROEJA, o mesmo já atuou nas redes privada, municipal e federal. Atualmente, trabalha 60 horas semanais (nas redes estadual do Tocantins, estadual do Maranhão e no IFTO – Campus Araguatins, 20 horas em cada).

A Professora “B” é licenciada em Letras-Inglês e Especialista em Língua Inglesa e Literatura. Fez o curso de aperfeiçoamento Teaching Knowledge Test (TKT) da University of Cambridge.

Em treze anos de experiência docente, dos quais seis meses em ProJovem (Programa Nacional de Inclusão de Jovens) e um ano em PROEJA, a mesma já atuou nas redes privada, municipal, estadual e federal. Atualmente trabalha 40 horas semanais (no IFTO - Campus Araguatins), distribuídas entre 13 horas ministrando aulas e a coordenação do Ensino Superior do campus.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1. O bom professor do PROEJA

Conhecer, estudar, pesquisar não são tarefas fáceis, porém carregam todo um fascínio que induzem o sujeito a buscá-las cada vez mais, e proporcionam uma sensação de conforto, satisfação e realização a quem constrói o conhecimento. Mas a busca do conhecimento é uma tarefa árdua. Por isso, muitos se acomodam e não o buscam.

Freire assim define o estudo:

> Estudar é um que-fazer exigente em cujo processo se dá uma sucessão de dor, de prazer, de sensação de vitórias, de derrotas, de dúvida, de alegria (...) Ou aderimos ao estudo como deleite, ou o assumimos como necessidade e prazer ou o estudo é puro fardo e, como tal, o abandonamos na primeira esquina. (FREIRE, 1993, p. 41)

Outros não sentem o "toque" do conhecimento em si – isso porque cada sujeito carrega consigo sua individualidade psico-emocional, sócio-cultural e intelectual, e, portanto, cada um tem sua motivação particular para estudar. Nessa condição, é preciso que algo ou alguém se faça condutor-intermediário entre o sujeito e o conhecimento para revelar ao sujeito a excelência da sabedoria.

Uma vez que a sabedoria atrai, um professor, igualmente, precisa fazer seu trabalho com prazer, deixando-se envolver pelo processo e, conseqüentemente, em suas aulas, utilizar técnicas, metodologias, que também contribuam para construção de uma aprendizagem significativa.

Mas, o que significa ter uma aprendizagem significativa? Para Freire (1996), alguém que adquire uma aprendizagem significativa é alguém que se torna autônomo, que vai se tornando capaz de buscar o conhecimento sozinho e deixa sua "curiosidade ingênua" – aquela adquirida do senso comum – para transformá-la em "curiosidade epistemológica" – curiosidade ingênua acrescida de criticidade. E essa autonomia conferirá ao educando o pensar certo.

Para Freitas (2000) uma aula que produza uma aprendizagem significativa deverá repassar aos alunos o sentido do que lhes é ensinado, e não, apenas, seu significado - entendendo significado como algo abstrato, onde apenas decodifica-se - e sentido algo mais abrangente onde o ouvinte, não apenas ouve, como também, reflete sobre o enunciado e é capaz de lhe corresponder. Daí a importância de se utilizar metodologias que remontem, demonstrem o melhor possível a realidade.

Para construção da aprendizagem significativa dos alunos, é essencial que o professor disponha de uma competência que reúne atributos diversos, como: planejar seu trabalho, ter boa interação com seus alunos e colegas de trabalho, saber avaliar a aprendizagem de seus alunos e auto-avaliar seu trabalho, ter conhecimento aprofundado dos conteúdos a serem ministrados, ter boas metodologias de ensino e diversificação das mesmas de acordo com as necessidades, compromisso com o ato educativo e com a formação dos alunos, dentre outros.

O primeiro contato em sala se faz através da fala, conforme Mrech (2003, p. 10*): "Pois, antes da palavra do professor e do aluno nada é, nem não é. É pela palavra que se estabelece ou não o processo de ensino-aprendizagem"*.

Desde o início desse contato, o professor precisa estabelecer uma relação amistosa, pautada no respeito mútuo, pois a maioria, ou todos os alunos o reverenciam por serem naturalmente seduzidos pela autoridade desenvolvida na relação original e transferida às demais relações, principalmente com o professor; conforme Morgado:

> Ao vislumbrar no professor aquele que poderá provê-lo de conhecimento, o aluno elege-o como autoridade; ao ensinar, o professor exerce a autoridade que o aluno lhe atribui. Estabelecem-se, assim, as condições transferenciais para que a relação pedagógica remeta à relação original. (MORGADO, 2002, p.87)

É imprescindível que o professor esteja atento às questões afetivas e emocionais que interferem no trabalho pedagógico. E que saiba lidar com a simpatia, empatia ou antipatia que os alunos têm por ele, pois, ao conhecer os fatores que determinam o tipo da sua relação com os seus alunos, o professor conduzirá seu trabalho de forma mais eficaz.

Após despertado o interesse dos alunos, cabe ao professor procurar mecanismos que garantam a permanência do interesse dos alunos para o ato de aprender. Cabe-lhe descobrir meios para que a monotonia não atrapalhe o processo de ensino e de aprendizagem, pois, segundo o PCN Introdução, *"Todo material é fonte de informação, mas nenhum deve ser utilizado com exclusividade. É importante haver diversidade de materiais para que os conteúdos possam ser tratados da maneira mais ampla possível". (BRASIL, 1997, p. 104)*

Mas, quais serão esses recursos? Será que eles realmente estão contribuindo para motivação dos alunos? Estarão os professores utilizando-os devidamente? Estarão eles garantindo a atenção e a interação em uma sala de aula onde há uma pluralidade de personalidades, de culturas etc.?

No livro Técnicas de Ensino: por que não?, são colocadas algumas técnicas que, se bem utilizadas e revestidas de criticidade em favor da significativa aprendizagem, podem ser eficientes intermediadoras entre aluno-conhecimento-professor. Conforme Araújo (2006, p. 23) as variadas técnicas possibilitam várias intermediações entre o professor e o aluno. Porém, as técnicas só não são suficientes.

> Como a técnica de ensino não se inscreve formalisticamente, e não o pode ser, ela também não é capaz de realizar tudo sozinha, pois a mesma não é suficiente. É preciso concebê-la como encadeada a outras técnicas e a outros componentes do processo pedagógico. (ARAÚJO, 2006, p.24)

Se um aluno somente decodifica um determinado conteúdo, este não lhe servirá para sua vida, somente será um aglomerado de palavras. Mas se o aluno percebe a importância do enunciado, do conteúdo que lhe foi apresentado, e consegue relacioná-lo a sua vida, no dia-a-dia, se é capaz de perceber que aquilo que lhe foi ensinado não é algo vazio, mas algo que o ajudará na construção de sua personalidade, na sua vida social e intelectual, aí sim o trabalho do professor estará surtindo efeito.

Porém, o difícil processo de ensino e aprendizagem conta com um fator que contribui ainda mais para tal caracterização: a complexidade dos sujeitos que se inter-relacionam em sala de aula. Contra isso, infelizmente, o professor tem que lutar, colocando assim, diariamente, sua competência em xeque.

Essa complexidade é ainda mais intensa quando o público em questão são jovens e adultos que não tiveram e/ou perderam oportunidade de concluir os estudos em idade tida como apropriada, e agrava-se mais quando se trata de Educação de Jovens e Adultos - EJA integrada à Educação Profissional.

O Documento Base do PROEJA diz que:

> É, portanto, fundamental que uma política pública estável voltada para EJA contemple a elevação da escolaridade com profissionalização no sentido de contribuir para a integração sociolaborial desse grande contingente de cidadãos cercados do direito de concluir a educação básica e de ter acesso a uma formação profissional de qualidade. (Brasil, 2007, p. 11)

Nesse sentido, faz-se necessário que o professor se empenhe e se comprometa com os objetivos dessa política pública, visando ofertar um ensino de qualidade que dê condições para que os alunos de PROEJA elevem sua escolaridade e construam uma formação profissional de qualidade.

Ainda conforme o Documento Base do PROEJA:

> Todos os professores (...) precisam mergulhar no universo de questões que compõem a realidade desse público, investigando seus modos de aprender de forma geral, para que possam compreender e favorecer essas lógicas de aprendizagem no ambiente escolar. (Brasil, 2007, p. 36)

O público de PROEJA possui especificidades psicossociais e culturais que interferem no processo de ensino e aprendizagem, como: o fato de que grande parte dos alunos são pessoas que há tempo deixaram de ir à escola (por diversos motivos), e, por isso, necessitam de revisão de conteúdos e/ou apresentação de novos conteúdos com atenção individualizada; são homens e mulheres que dividem seu tempo entre trabalho, família, estudo e outras atividades, portanto, necessitam de um atendimento especial, compreendendo suas necessidades, disponibilidade de tempo e os conhecimentos e experiências construídas ao longo de suas vidas.

Por vezes comete-se o equívoco de pensar que um aluno não aprende porque não é interessado. Porém, o problema pode estar na relação professor/aluno ou na metodologia do professor que não consegue atrair o aluno. Uma questão é pertinente: Será que uma verdadeira sedução/motivação para o envolvimento do aluno com sua aprendizagem, não emanaria do gosto do professor pelo ato de educar?

A esse respeito também contribui Azevedo quando diz que:

> O trabalho educativo exige essa totalidade dos sujeitos nele envolvidos: além de competências técnicas, requer paixão, vontade política, envolve sentidos, emoções, sentimentos e intuições (...) Nosso maior ou menor comprometimento, nosso maior ou menor engajamento com o trabalho que realizamos decorre do maior ou menor

> grau de ansiedade, de curiosidade, de prazer que tenhamos em relação a ele". (AZEVEDO, 2003, p.11)

Nesse sentido, observa-se que é fundamental que o professor tenha compromisso com uma formação de qualidade para seus alunos. Porém, a escola "(...) deve investir na formação do professor, para que ele tenha competência e compromisso com o que faz, e para que tenha consciência de como faz". (MORGADO, 2002, p. 114)

3.2. Estudo de caso: os bons professores do PROEJA do IFTO-Campus Araguatins

A amostra de estudo demonstrou que há uma diversidade de opiniões entre os alunos, por isso, buscou-se demonstrar, não só as competências dos dois professores mais votados, como também dos demais, visto que o foco deste estudo era descobrir as principais competências e habilidades que fazem um professor do PROEJA ser considerado bom professor.

As respostas dos alunos foram agrupadas em três categorias de acordo com as competências docentes relacionadas: 36 habilidades sobre a didática dos professores, 26 sobre interação professor/aluno e 05 sobre o compromisso com o ato educativo.

Das 36 respostas sobre ***Didática***, 17 centram-se na forma como os professores explicam os conteúdos, de forma clara e contextualizada. Essa resposta demonstra a importância do professor conhecer seus alunos adequando sua linguagem partindo da realidade e vivência dos mesmos.

Atreladas a essa resposta, a segunda e a terceira habilidades elencadas apontam para o fato de o professor conhecer bem o conteúdo que ministra (04 votos) e atender os alunos individualmente (03 votos). Presume-se que para explicar bem um determinado conteúdo, o professor deve conhecê-lo bem e atender a individualidade que cada estudante tem ao compreender um determinado assunto.

As três primeiras respostas evidenciam a importância que os estudantes dão à forma como os professores explicam os conteúdos, de forma clara, consistente, contextualizada e com atendimento individual aos alunos.

No geral, sobre a competência didática, foram pontuadas 11 habilidades ao professor "A", 07 à professora "B" e 18 aos professores "C".

O professor "A" disse que planeja semanalmente, mas, sempre que necessário faz adaptações. Porém, referencia o pouco tempo para o planejamento como algo dificultador a uma melhor prática. As suas aulas são expositivas (com ou sem recursos didáticos). Na maioria das vezes utiliza apenas quadro, pincel, livro, apostila e lista de exercícios.

Embora apenas um aluno tenha citado o fato do professor "A" fazer exercícios como uma de suas qualidades, percebe-se estar implícito em muitas respostas o ato avaliativo, pois o professor diz acompanhar continuamente o desenvolvimento dos alunos por meio de uma *"(..) observação sistêmica da evolução do aluno na assimilação do conteúdo (comparando o que ele sabia com o que ele sabe do assunto após a explanação do mesmo em sala de aula)"*. Essa fala coincide com o fato de os alunos dizerem que o professor se preocupa com eles e se empenha por seu aprendizado.

A professora "B" constrói o plano de ensino anual e semestralmente conforme o curso atendido, e faz os planos de aula constantemente. No entanto, atribui dificuldades ao ato de planejar, como: "*quantidade de alunos por sala, pouco número de aulas por semana, falta de recursos didáticos, etc"*. Segundo ela, em suas aulas, utiliza apostilas, som, DVD, cartazes, projetor de mídia, quadro e pincel, escolhendo (...) as metodologias de acordo com o assunto a ser trabalhado. Gosto de trabalhar em grupo com interpretação de textos após expor o conteúdo através de várias situações e sempre com recursos didáticos para motivar o aprendizado.

A mesma avalia diariamente seus alunos por meio de atividades em grupo e individuais, verificando a aprendizagem e acompanhando a evolução de cada um.

Diante do exposto, concorda-se com Moysés, quando esta diz:

> Há quem pense que o magistério é algo que se improvise; no entanto, é uma atividade profissional que exige preparo especializado para atingir bons resultados. Requer formação com sólidas bases teóricas. Exige por outro lado, que se conheça a realidade na qual e sobre a qual se atua. (MOYSES, 2003, p. 15)

Com relação à ***Interação Professor/Aluno***, das 26 habilidades apontadas, 12 são do professor "A", 05 da professora "B" e 09 dos professores "C". As respostas apontaram para o fato dos professores manterem uma relação amigável e de co-responsabilidade pela aprendizagem dos estudantes, tendo bom humor, sendo pacientes e atenciosos, repetindo as explicações quando necessário.

Para Cunha, expressões como as citadas acima

> (...) evidenciam que a idéia de BONS PROFESSORES presente hoje nos alunos de 2º e 3º graus passa, sem dúvida, pela capacidade que o professor tem de se mostrar próximo, do ponto de vista afetivo. É interessante observar que é quase impossível, a não ser para fins didáticos e de pesquisa, tentar depurar, distinguir atitudes do professor que se referem especificamente a este lado da relação professor-aluno. (CUNHA, 2003, p.69)

As falas dos professores demonstram corresponder ao apontado pelos alunos, pois, segundo eles:

> Eu procuro primar pela amizade com os meus alunos, claro que respeitando certos limites, pois acredito que sendo visto por eles como um amigo muitas barreiras são quebradas e eles se sentem mais à vontade para expor as suas dúvidas. (Professor "A")
>
> Sou educadora e aprendiz. A minha relação com meus alunos proporciona a articulação entre o ensino e aprendizagem. Meus alunos me avaliam constantemente e sugerem métodos de ensino e conteúdos a serem trabalhados em sala de aula. Essa liberdade e relação é que motiva o meu trabalho. (Professora "B")

Sobre o ***Compromisso***, foram levantados: a pontualidade (01 voto para os professores "C"); o gosto pelo que faz, o prazer em ministrar aulas e até o fato de, conforme fala dos alunos, não terem "*preguiça*" (02 votos para o professor "A" e 01 para a professora "B" e professores "C").

Ambos os professores pesquisados se consideram vocacionados para o magistério. Para o professor "A", os professores que não têm vocação reclamam constantemente da profissão. O mesmo diz ter escolhido a profissão inspirado em sua professora de Matemática da 5ª série. Em suas palavras: "*Que outra profissão tem essa capacidade de mudar por completo o ser humano? Foi isso que motivou e ainda motiva a minha escolha*".

A professora "B" diz ter escolhido a profissão porque se sente realizada por meio da mesma. De acordo com sua fala: "*Gosto da área de educação porque trabalhamos as várias metodologias de ensino de acordo com diferentes públicos existente em sala de aula*".

Ambos dizem estar satisfeitos com a profissão (embora o salário, o investimento e o reconhecimento da profissão não condiga com sua importância).

Ela diz:

> (...) sempre gostei de partilhar do conhecimento e perceber a contribuição que o ensino oferta na vida de alguém; também acredito na reciprocidade do trabalho do professor e do processo de ensino-aprendizagem porque acredito que ensinar é também aprender.

Para o professor "A", *"(...) quando encontramos nos caminhos da vida, pessoas que tiveram o seu destino mudado para melhor por meio da nossa intervenção em sala de aula... isso não tem preço"*.

Indo ao encontro das habilidades referidas pelos alunos, a exposição das falas dos professores, demonstram que os mesmos gostam de ser professores, e, por isso, ministram as aulas com dedicação, traduzida em compromisso com o que faz.

Esse compromisso os leva a buscar capacitações, para desempenhar melhor sua profissão, como participação em cursos de formações continuadas. É pertinente, portanto, questionar se o gosto pelo que faz (vocação), a experiência, a formação e a busca por constante capacitação desses professores não seriam os fatores determinantes por essa escolha. Pois, segundo Cunha "*O professor nasceu numa época, num local, numa circunstância que interferem no seu modo de ser e de agir. Suas experiências e sua historia são fatores determinantes do seu comportamento cotidiano*". (2003, p. 37)

Ao perguntar ao Professor "A" sobre o motivo ao qual ele atribuía a sua escolha como um bom professor, ele respondeu:

> Ao tipo de relação que procuro ter com eles. Sempre que planejo, coloco-me no lugar dos alunos, tento prever as dificuldades e já procuro uma forma de resolvê-las previamente. Eu acredito que me identifico muito com eles, pois há bem pouco tempo atrás eu ocupava o lugar deles com dificuldades semelhantes, eu utilizo essa experiência, tentando expor os conteúdos da maneira mais simples e clara possível.

A resposta do professor demonstrou que não é por acaso as competências e habilidades referenciadas pelos alunos sobre ele, pois, mesmo sem ter conhecimento do que os alunos tinham dito, o professor deixou claro sua intencionalidade e planejamento com o ato educativo.

A professora "B" respondeu: "*Sempre aceito críticas ao meu trabalho e tento fazer constantemente auto-avaliações voltadas aos métodos de ensino usados em minhas aulas*".

As falas, tanto dos alunos, como dos professores, demonstraram que os professores são compromissados com o desenvolvimento de seus alunos, e que não foi sem razão o fato de terem sido eleitos por seus alunos como bons professores.

Essas falas confirmam a de Moysés:

> (...) competente é o professor que, sentindo-se politicamente comprometido com seu aluno, conhece e utiliza adequadamente os recursos capazes de lhes propiciar uma aprendizagem real e plena de sentido. Competente é o professor que tudo faz para tornar seu aluno um cidadão crítico bem-informado, em condições de compreender e atuar no mundo em que vive. (MOYSES, 2003, p. 15)

4. CONCLUSÕES

A reflexão sobre o bom professor do PROEJA, por meio da pesquisa com ambos os professores, demonstrou que houve uma coerência entre o que os alunos relataram sobre eles e a forma sobre como pensam e trabalham.

Percebeu-se o compromisso dos professores, não só com a aprendizagem de conteúdos, mas com os objetivos do PROEJA: elevação da escolaridade e educação profissional de qualidade às pessoas que não tiveram acesso e/ou precisaram deixar de estudar na idade tida como apropriada.

Portanto, pode-se, por meio deste estudo, perceber que um professor atuante no PROEJA precisa conhecer seus alunos, tendo uma relação amistosa, respeitando-os e considerando os seus saberes e experiências construídas ao longo de suas vidas, para então, compromissados com o desenvolvimento dos alunos, explicar os conteúdos de ensino de forma clara e contextualizada. Além disso, esse trabalho se torna mais fácil, eficaz e prazeroso quando o professor gosta do que faz e a ele dedica-se.

Apesar da ênfase dada pelos alunos aos fatores didáticos, interacionistas e ao compromisso e prazer dos professores em ministrar aulas, como sendo as características que os fazem considera-los "bons professores", vê-se que ainda há muito mais a ser estudado na interação professor/aluno/conteúdos de ensino, a fim de ampliar a reflexão sobre o perfil dos professores atuantes em PROEJA.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, José Carlos Souza. **Para uma análise das representações sobre as técnicas de ensino.** In VEIGA, Ilma Passos Alencastro. (Org.). Técnicas de Ensino: Por que não? Ed. 3. Campinas, SP: Papirus, 2006.

AZEVEDO, Joanir Gomes de. **Fazer com paixão sem perder a razão: retalhos de uma experiência pública de tempo integral.** Rio de Janeiro: DP&A, 2003. Cotidiano-sociedade-escola

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: introdução aos parâmetros curriculares nacionais/Secretaria de Educação Fundamental – Brasília: MEC/SEF, 1997.

_____-**Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica - Documento Base- PROEJA.** 2007.
CUNHA, Maria Isabel da. **O bom professor e sua prática**. Ed. 5. Papirus: São Paulo, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996. Coleção Leitura

_____, Paulo. **Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar.** São Paulo,SP: Olho d'Água, 1993.

FREITAS, Mª Teresa de Assunção. **Vigotsky e Bakhtin**. **Psicologia e Educação:** um intertexto. Ed. 4. São Paulo: Ática, 2000.

MORGADO, Mª Aparecida. **Da sedução na relação pedagógica**. Ed. 2. São Paulo: Summus, 2002.

MOYSÉS, Lúcia Maria. **O desafio de saber ensinar**. Campinas, SP: Papirus, 1994.

MRECH, Leny Magalhães. **Psicanálise e Educação: novos operadores de leitura.** São Paulo: Pioneira 2003.